

Lugar do negro é onde ele quiser? Experiências de não lugar do negro nas universidades e as cotas na UFRGS – Por Aline Silveira¹

Quando se pensa em políticas públicas para os negros está se assumindo que existe racismo no Brasil. A última pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) diz que no país há cerca de 97 milhões de pessoas negras (pretas ou pardas), contra 91 milhões de brancos. Somos a maioria, entretanto nossa representação no âmbito acadêmico é de somente 11% no Brasil.

O Rio Grande do Sul é conhecido por ser reduto europeu por conta da imigração alemã e italiana que teve início no século XIX. Os hábitos e as características físicas dos gaúchos são considerados heranças exclusivas do branco europeu. No entanto a região tem uma considerável população negra que luta para ser reconhecida. Em Pelotas e Rio Grande, por exemplo, o número de habitantes negros chega a 80%.

As vagas reservadas às cotas, nas instituições estaduais, teve início em 2003 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), logo seguida pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). No ano seguinte, 2004, a Universidade de Brasília (UnB) se torna a primeira universidade federal a aderir às cotas. No Rio Grande do Sul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) os debates em torno de ações afirmativas de cotas surgiram em 2004. Muitos argumentavam que a entrada de negros na UFRGS iria baixar o nível de ensino, atrapalhando a evolução dos outros alunos.

Em 2006 foi designada, pelo então reitor, José Carlos Ferraz Hennemann, uma Comissão Especial para elaborar programas de ações afirmativas na UFRGS. Entretanto, dias antes de decidir se adotava ou não o sistema de cotas raciais e sociais, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul amanheceu com seus prédios pichados com ofensas racistas do tipo: “Negros só se for na cozinha do RU”, “Lugar de macaco é no zoológico” e “Voltem para senzala, cotas não”.

O programa de cotas na UFRGS foi aprovado em 2007 e regulamentado pela Decisão no 134/2007 do Conselho Universitário. Na instituição são designadas 15% de vagas para alunos vindos de escolas públicas e outros 15% a alunos autodeclarados negros, que também devem ter obtido sua escolaridade na rede pública. Caso não haja preenchimento dessas vagas pelas cotas, elas retornam para o acesso

¹ Estudante do 6º semestre de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: aliny.silveira@hotmail.com

universal. Em 2016 a reserva de vagas foi ampliada para 50% do total das vagas oferecidas.

Contudo, o ingresso dos negros na universidade é apenas o primeiro passo de uma série de desafios. Manter-se nela é tão difícil quanto passar no vestibular, pois a estrutura da universidade permanece racista e esse é o maior desafio do aluno cotista ao pisar na universidade.

Por tanto este estudo tem por objetivo analisar as experiências de alguns alunos cotistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul acerca da trajetória do sujeito negro e relacioná-los ao contexto político e social, afim de, identificar possíveis mecanismos que influenciam a permanência e/ou a exclusão desses sujeitos na universidade. Serão utilizados coletas de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); INEP (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa), bem como outras fontes teóricas e relatos pessoais de estudantes cotistas da UFRGS.